



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Posfácio à 3a. edição - A narrativa de si, a narrativa do outro

João Wanderley Geraldi

Como citar: GERALDI, J. W. Posfácio à 3a. edição - A narrativa de si, a narrativa do outro.
In: MAGNANI, M. R. M. (org.). **Em sobressaltos: formação de professora.** Marília: Oficina
Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 375-380.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2019.978-85-7249-034-4.p375-380>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A NARRATIVA DE SI, A NARRATIVA DO OUTRO

O leitor que atravessou estas páginas já sabe: se o texto contém inúmeras referências biográficas de MR, ele não é uma autobiografia, mas uma reflexão sobre a formação de professores de um período da história da educação brasileira, tomando um caso, uma história documentada que desvela os tempos do vivido para compreender o percurso no tempo, sem o qual formação alguma se dá.

Este trabalho escrito nos inícios dos anos 1990 [defendido como tese de doutoramento em 1991] é precursor no uso da narrativa, entre nós, como forma de investigação em educação. Lembremos que o clássico livro organizado por António Nóvoa — *Vidas de Professores* (Porto: Ed. Porto, 1992) — estava em gestação, lembramos que pesquisar a vida dos professores para nelas encontrar elementos de compreensão do fenômeno educacional ainda não era prática aceita nos meios acadêmicos.

Assim, a escolha da narrativa e da narrativa de si, à época, causou certo espanto. E os leitores privilegiados deste trabalho — a banca examinadora — se dividiram, ainda que todos tenham aprovado com “distinção e louvor” a tese apresentada. Houve os que consideraram inusitada a escolha metodológica, mas reconheceram que o “narrar a si” é também narrar uma época que passa a ser melhor compreendida quando as lentes deixam ver o invisível do cotidiano; mas também houve quem considerasse tão inusitado falar de si próprio e de sua época num trabalho acadêmico, que o espanto se tornou fenda com que jogar pedras sobre os acontecimentos como, se estilhaçando o que houve, o que houve deixasse de existir. A narrativa traz fatos e lentes. Não é inocente, mas os documentos e as passagens de registros de época trazidos à superfície textual obrigam a um comportamento do ponto de vista do narrador, limitam-no relativamente ao factual, sem

lhe barrar os horizontes de construção de uma compreensão no presente sobre o que foi o passado.

Metodologicamente, portanto, este é um texto inaugural. Os trabalhos sobre histórias de vida de professores se iniciam na segunda metade dos anos 1990, e o livro da Maria do Rosário teve sua primeira publicação em 1993. Se hoje a pesquisa acadêmica se dispensa de justificar-se pelo uso da “investigação narrativa”, na época foi preciso recorrer à pesquisa qualitativa e ao estudo de caso, o que recupera a autora em entrevista 20 anos após o término do trabalho e que agora compõe este livro.

É, pois, sobre a reflexão sobre pesquisas com histórias de vida que pretendo refletir com o leitor, depois de ele ter aprendido com a leitura o percurso de formação de MR e ao mesmo tempo ter descoberto parte do que era a escolaridade e a formação de professora nos anos 1970/1990, já que a narrativa abarca desde a frequência ao grupo escolar até a última etapa de escolarização possível, o doutoramento, em que se coroa um processo de formação da professora e da pesquisadora.

Vários podem ser os motivos pelos quais se buscam narrativas em processos investigativos. Começemos com aquele mais evidente, inclusive para leigos: a reconstituição dos fatos, dos acontecimentos. Os depoimentos de testemunhas, já na investigação policial, são narrativas. Quanto maior for o número de detalhes apresentados por um depoente, por um testemunho, desde que confirmados também por outros, mais o investigador de aproxima da “realidade”, que sempre será, no fundo, opaca, porque nem tudo se desvela: mesmo que se descubra o autor de um crime, jamais se saberá o que efetivamente estava presente nos sentimentos do criminoso, da(s) vítima(s) e daqueles que testemunharam os fatos. A verdade inarredável de que Fulano matou Sicrano é sempre meia verdade em relação à totalidade do acontecimento criminoso. Mas deixemos aos policiais suas interrogações. Fazer história, escrever a história, é buscar narrativas, é encontrar documentos (que são os documentos para um historiador se não narrativas?), é perscrutar monumentos; juntar, estabelecer liames, e oferecer uma compreensão dos fatos. Toda pesquisa histórica é, neste sentido, uma investigação que opera com narrativas, e a orientação do olhar é dirigida pela pergunta “*o que aconteceu?*”.

Pesquisas em educação aparentemente muito distantes da investigação narrativa, que partem da observação de aulas, que pretendem descobrir o que efetivamente acontece dentro de quatro paredes de uma sala de aula em que se encontram professores e alunos, não deixam de operar como um historiador do contemporâneo: observa, anota, faz diário, registra, filma, grava, pega cadernos, folhas “xerocadas”, textos didáticos, fotografa a lousa todas as vezes que nela se escreve e depois... narra: faz o relatório. A palavra “relatório” quer esconder o narrador, fiel aos princípios da ciência moderna que ao entronizar a razão humana afastou da produção do conhecimento o sujeito racional que o constrói. Este tipo de narrativa-relatório de pesquisa tem a pretensão de dizer não o que aconteceu, mas vai mais longe, quer dizer “o que é” de forma neutra. Por isso o relatório tem que perder suas características de narrativa. E ganhou ao longo do tempo o caráter de “científico” de modo que as outras formas de emprego de narrativas precisaram, por algum tempo, justificar-se para ter foros de existência.

Por fim, há um terceiro movimento, indo em outra direção. Não se trata mais de “recuperar”, “reconstituir” o que aconteceu, muito menos ter a pretensão de dizer “o que é”, mas como o que aconteceu se refletiu nas pessoas envolvidas. Este é o movimento típico das pesquisas com “histórias de vida”. E quando se fala de professoras e professores, evidentemente é sua formação docente que acaba sendo o foco. Mas a ela se chega não pela reconstituição dos fatos (ainda que se tenha esta reconstituição como efeito colateral na versão de cada narrador), mas pelo amparo e acolhida às compreensões então produzidas sobre o que lhes aconteceu e as revisitas a estas compreensões precisamente no momento em que se narra. *Aqui é o sujeito que importa.* Por isso somente fatos relevantes para o sujeito acabam sendo narrados. Importa o que se passou com ele, não o que se passou, o que aconteceu. Assim, investigações com histórias de vida recuperam experiências, no sentido que lhe dá o filósofo espanhol Jorge Larrosa. Um conjunto de vidas narradas mostram individualidades, mostram diferenças, mostram outras percepções, mesmo quando se viveu uma mesma época, se estudou nas mesmas escolas, e mesmo quando os professores foram os mesmos: a formação de cada um foi “tocada”, foi marcada, foi co-movida por fatos distintos, em momentos distintos. O singular tem horror ao idêntico!

Enquanto o investigador preocupado com “o que aconteceu?” lida com o que se repete nas diferentes narrativas, o investigador que trabalha com histórias de vida busca a diferença, o ponto nevrálgico de um processo de formação e de vida. Captar singularidades e com elas tecer mundos possíveis, mundos que se tornaram invisíveis pelas condições mais abrangentes da estrutura social, mas que permanecem aí como horizonte de possibilidade. Neste sentido, a tensão entre o que é singular e o que é coletivo é elevada ao extremo, porque o mundo que não foi mas poderia ter sido conduz, mesmo quando não o percebemos, os cambaleantes passos com que vivemos o presente.

Por fim, há pesquisas que resultam do vivido. Ou seja, o pesquisador tem uma experiência, tem um vivido, e para clareá-lo para si mesmo, ele o narra. E debruçando-se sobre sua própria narrativa encontra um conjunto de questões, escolhe uma ou algumas delas e faz o mergulho em profundidade sobre o tema escolhido. Aqui é a experiência vivida que suscita os temas, e estes se tornam o foco de atenção, de modo que a narrativa funciona como uma espécie de introdução necessária, porque situa na vida aquilo que se discute, aquilo que se analisa, aquilo que se procura compreender. E, nesse processo de construção da compreensão, inúmeras vezes o narrador-pesquisador precisa retornar à narrativa, revisando-a ou tendo que revisar sua própria análise, porque as coisas foram diferentes do que imagina quando analista. Ou seja, não se perde o chão, mas não se fica no chão. Extraem-se lições do vivido e do narrado, e isso somente é possível quando, para além do conhecer, chega-se à sabedoria, este lado épico da verdade.

Obviamente aqui, como nos demais casos, temos resultados colaterais. Quando se procura saber “o que aconteceu” também se compreendem as diferentes visões dos testemunhos; quando se descreve o que é que se observou, também se aprende que o olhar do observador não é inocente; quando se procura no singular o que diferencia, aprende-se o geral a que o singular sobreviveu; quando se estuda um tema que emerge de uma experiência vivida, compreende-se também o que aconteceu...

Onde situar este trabalho inaugural de Maria do Rosário que teve a coragem, num ambiente ainda dominado pela vontade de verdade moderna, de expor sua própria história, criar a personagem MR, aquela que viveu o que se narra, mas consciente de que a narradora não é mais

aquela que foi? Penso que nos encontramos aqui diante da mais profunda narrativa possível, aquela que não sendo memória nem autobiografia, tem como compromisso, ao se narrar, encontrar nesta narrativa o Outro, em seu sentido coletivo, o Outro que nos fez ser o que somos. Mas que, compreendendo este percurso, podemos reorientar a flecha, se acharmos necessário, para sermos outro, apesar da história, apesar das constrictões do passado e apesar das condições do presente. É neste sentido que os sobressaltos vividos por MR e reencontrados por Maria do Rosário podem ensinar através da singularidade: refletir sobre como chegamos a ser o que somos para compreender que a história não acabou e que sempre é possível construir um futuro, que sempre é possível ter uma memória de um futuro que não foi, mas poderia ter sido.

Certamente eu, como orientador, na época não aprendi toda esta lição! Mas certamente a intuía. E certamente Maria do Rosário a enxergava com a nitidez com que sempre olhou para o passado, refazendo-o para manufaturar um futuro que não fosse mera repetição, infelizmente repetição tão comum na ortodoxia escolar.

Barequeçaba, janeiro de 2019

JOÃO WANDERLEY GERALDI